

**A máquina de costura
enquanto artefato de trabalho
no universo feminino**

Claudia Alice de Ligório

Rosane Dias Rayes

Sabrina Thainara de Moura Coelho

Introdução

Pode-se dizer, em linhas gerais, que a cultura material se dedica ao estudo dos objetos criados pela humanidade e seus reflexos nas sociedades. No entanto, não é possível traçar definições precisas sobre essa área de estudo, uma vez que ela é abrangente e se dedica às particularidades dos artefatos e seus contextos. De acordo com Miller (2013), a melhor maneira de entender, transmitir e apreciar a humanidade é olhando para os objetos. Neste estudo, apontaremos as consequências da criação de um artefato que surgiu no século XVIII e modificou significativamente as relações trabalhistas e de produção e os papéis sociais femininos: a máquina de costura.

A mulher e a máquina de costura

A invenção e o desenvolvimento dos mecanismos que originaram a máquina de costura como conhecemos atualmente foram processos quase coletivos, pois inúmeros inventores desenvolveram projetos, propuseram melhorias e patentearam modelos. Grace Cooper afirma:

A máquina de costura prática não é o resultado de um homem genial, mas sim o ponto culminante de um século de pensamento, trabalho, provas, falhas e sucessos parciais de uma longa lista de inventores. A história é muito rápida para creditar um ou dois homens para uma invenção importante e esquecer o trabalho

que precedeu e estimulou cada homem a contribuir com sua participação (Cooper, 2013, p. 7, tradução nossa).¹

A autora destaca, ainda, que a criação do objeto modificou a economia e o modo de pensar das pessoas:

Não tinha painel de instrumentos controlados por botão. Não foi operada eletronicamente ou propulsada por jato. Mas para muitas pessoas do século XIX, a máquina de costura provavelmente foi tão inspiradora quanto uma cápsula espacial é para seus descendentes do século XX. Era cara, mas, considerando o trabalho que poderia fazer e o tempo que poderia economizar, o custo estava mais do que justificado. A máquina de costura tornou-se o primeiro aparelho de consumo amplamente anunciado, foi pioneira na compra parcelada e agrupou diversas patentes que revolucionaram a indústria de confecções pré-fabricadas. Também resistiu aos protestos daqueles que temiam que a nova máquina fosse uma ameaça à sua subsistência (Cooper, 2013, p. 7, tradução nossa).²

Rybalowski (2008) nos mostra que a invenção da máquina de costura desencadeou transformações no consumo:

Paralelamente, devido à Revolução Industrial, houve um aumento da produção têxtil e, ainda, a invenção da máquina de

1 “The practical sewing machine is not the result of one man’s genius, but rather the culmination of a century of thought, work, trials, failures, and partial successes of a long list of inventors. History is too quick to credit one or two men for an important invention and to forget the work that preceded and prodded each man to contribute his share.”

2 “It had no instrument panel with push-button controls. It was not operated electronically or jet-propelled. But to many 19th-century people the sewing machine was probably as awe-inspiring as a space capsule is to their 20th-century descendants. It was expensive, but, considering the work it could do and the time it could save, the cost was more than justified. The sewing machine became the first widely advertised consumer appliance, pioneered installment buying and patent pooling, and revolutionized the ready-made clothing industry. It also weathered the protests of those who feared the new machine was a threat to their livelihood.”

costura, fatos que potencializaram a produção de vestimentas num período de demanda reprimida de pessoas ávidas e carentes de se vestir. A partir desse momento, o acesso aos bens de consumo torna-se mais viável, propiciando que a dinâmica da produção de vestuário fosse incrementada e, de certa forma, um pouco democratizada (Rybalowski, 2008, p. 30).

Outro fato importante associado à criação desse artefato foi a modificação do papel feminino nos aspectos profissionais e também no contexto doméstico. Em uma passagem de seu livro intitulado *Mística feminina*, Friedan (1971) descreve a rotina doméstica e o que se esperava das mulheres norte-americanas no período após a Segunda Grande Guerra:

Nos quinze anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, esta mística de realização feminina tornou-se o centro querido e intocável da cultura americana contemporânea. Milhões de mulheres moldavam sua vida à imagem daquelas bonitas fotos de esposa suburbana beijando o marido diante do janelão da casa, descarregando um carro cheio de crianças no pátio da escola e sorrindo ao passar o novo espalhador de cera no chão de uma cozinha impecável. Faziam pão em casa, *costuravam a roupa da família inteira* e mantinham a máquina de lavar e secar em constante funcionamento. Mudavam os lençóis duas vezes por semana, em lugar de uma só, faziam cursos de tapeçaria e lamentavam suas pobres mães frustradas, que haviam sonhado seguir uma carreira. Seu sonho único era ser esposa e mãe perfeita. Sua mais alta ambição, ter cinco filhos e uma bonita casa. Sua única luta, conquistar e prender o marido. Não pensavam nos problemas do mundo para além das paredes do lar e, felizes em seu papel de mulher, desejavam que os homens tomassem as decisões mais importantes, e escreviam orgulhosas, na ficha do recenseamento: “Ocupação: dona de casa” (Friedan, 1971, p. 20).

Segundo Forty (2007), Novaes (2016) e Tavares (2011), a noção de diferenciação para as mulheres, até a primeira metade do século XX, estava associada ao fato de que homens e mulheres viviam realidades diferentes. Eles eram responsáveis por prover o lar, enquanto elas eram responsáveis

pelas funções sociais, como receber e retribuir visitas. Afirmava-se que as mulheres, por serem frágeis, delicadas, recatadas, emocionais e com temperamento sensível, não poderiam ter outro tipo de existência que não fosse o serviço doméstico. Forty (2007) afirma ainda que as qualidades masculinas estavam na força, no vigor, no amor pela aventura e na capacidade de reprimir emoções. Tais características não existiam como realidade, mas como ideias que eram disseminadas com a ajuda da ficção, da educação e da religião.

No início do século XX, a máquina de costura passou a fazer parte das famílias e se tornou o presente ideal de casamento. Os modelos eram simples e acionados por pedal, mas eram eficazes para o conserto e para a confecção de roupas e uniformes para a família. Saber costurar e cozinhar era requisito básico para se ter um bom casamento. Dessa forma, esse artefato contribuía para o papel social feminino e para complementar a renda familiar. Com isso também surgem os estereótipos ligados a atividades tidas como exclusivamente femininas. Se, no período de sua invenção, as máquinas de costura eram símbolos de *status* e operadas por alfaíates, agora elas eram atribuídas ao uso doméstico e feminino.

De acordo com Novaes (2016), durante o período medieval, o ofício de costureira era passado pelas avós ou mulheres mais velhas da família para as filhas e não era profissionalmente reconhecido. A atividade de costura profissional era realizada por alfaíates. As mulheres faziam parte das corporações de ofício, mas em trabalhos secundários, considerados serviços menos nobres e realizados dentro dos lares, como bordados, confecção de acessórios, de roupas domésticas, de roupas infantis e de peças íntimas. Essa realidade só se modifica com a Revolução Industrial.

A máquina de costura e a modificação do vestuário feminino

Baldini (2015) afirma que, com a Revolução Industrial e a consequente substituição do sistema artesanal pela manufatura, algumas mulheres

se deslocaram de seus lares para as fábricas e posteriormente ficaram responsáveis pela produção dos trajes femininos. A moda sofreu uma reviravolta a partir da invenção da máquina de costura, porque permitiu às mulheres de classes populares e da pequena burguesia confeccionarem suas próprias roupas (Figura 1). A máquina de costura, além de aumentar e diversificar o guarda-roupa feminino, contribuiu com a emancipação financeira das mulheres, uma vez que elas agora poderiam fazer roupas para as suas vizinhas e amigas, obtendo uma renda para si.



Figura 1 – Anúncio de máquina Singer publicado no século XIX

Fonte: Wikimedia.org.³

Mas a emancipação financeira das mulheres percorreria um longo caminho até se efetivar. De acordo com Forty (2007), em 1849, a moda

3 Imagem sob domínio público. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Singer_Manufacturing_Company_\(estab._1850\)_\(3093627062\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Singer_Manufacturing_Company_(estab._1850)_(3093627062).jpg).

em Londres estava dividida entre o “elegante” e o “vulgar”. O conceito de “elegante” vinha de oficinas qualificadas. Já o sistema considerado “vulgar” incluía alfaiates e costureiras que eram superexplorados e trabalhavam para grandes estabelecimentos. Os estabelecimentos passavam os trabalhos para os empregadores conhecidos como *sweaters*, que eram donos dos maquinários e que repassavam a tarefa para costureiras, que podiam realizar o trabalho em casa ou na própria oficina. Estima-se que, em 1849, seis em cada sete costureiras trabalhavam nesse sistema.

Quando começou a ser comercializada, em 1851, a máquina de costura, num primeiro momento, não teve impacto nas relações entre trabalhadores e patrões. Porém, como potencializava a produção, fortaleceu ainda mais a relação de dependência entre os alfaiates e as costureiras, que não tinham condições para arcar com a compra de máquinas de costura. Tais objetos não participavam de todo o processo de confecção de roupas, contribuíam apenas nas costuras simples e na aplicação de enfeites. As máquinas de fazer bainhas e pregar botões, por exemplo, só foram criadas no final do século XIX.

A máquina de costura influenciou o vestuário feminino porque permitiu um aumento no uso de ornamentos nas peças. A utilização dos adornos elevou o preço dos vestidos para o consumidor, ao mesmo tempo em que reduziu o custo para o fabricante. Esse aumento de valores, no entanto, não foi convertido em aumento de salários para as costureiras, pelo contrário, elas recebiam menos porque seu trabalho demorava menos para ser executado.

De acordo com Forty (2007), as primeiras máquinas de costura foram fabricadas no começo da década de 1850, nos Estados Unidos. Eram feitas individualmente por métodos manuais, eram caras e vendidas quase que exclusivamente para uso industrial. A Singer e Co. faturou pouco na metade da década de 1850, quando vendia apenas máquinas industriais.

A Wheeler & Wilson, maior fabricante até 1867, quando foi alcançada pela Singer, saía-se melhor por ter uma máquina mais simples, mais leve e mais apropriada para uso doméstico. A empresa entendeu que o

mercado de máquinas industriais era pequeno, ao contrário das vendas para o mercado doméstico, e enxergou a oportunidade de convencer as mulheres norte-americanas de que necessitavam de uma máquina de costura em casa.

A primeira máquina de uso doméstico da Singer foi comercializada em 1858 e não obteve sucesso nas vendas porque era muito cara. Os fabricantes tentaram várias abordagens, sendo que a Wheeler & Wilson (Figura 2) foi pioneira em criar um mecanismo mais simples e diminuir o preço. Com essa redução, as indústrias começaram a vender também em prestações mensais, sendo que a Singer foi a primeira a adotar essa prática, quadruplicando suas vendas.



Figura 2 – Publicidade das máquinas Wheeler & Wilson

Fonte: Flickr.com.⁴

4 Imagem sob licença Creative Commons Atribuição 2.0, publicada sem alterações: <https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/deed.pt-br>. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/boston_public_library/8902421195.

A máquina de costura, até então, era reconhecida como adequada somente para o ambiente industrial e, por isso, foi necessário modificar seu design para que ela se tornasse um objeto desejável e apropriado para o lar. Assim, a Singer fez algumas mudanças e, a partir de 1860, surgiram vários modelos que traziam ornamentos dourados e revelavam rapidamente grande valor para o uso doméstico (Forty, 2007).

Tavares (2011) afirma que foi a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e da carência na produção do vestuário em Portugal que a máquina de costura se consolidou ainda mais como imprescindível nos lares, pois facilitava o reparo das roupas da família e agilizava o trabalho de costureiras e de bordadeiras. A partir de 1960, com a massificação da produção do vestuário, não era mais tão interessante ter uma máquina de costura doméstica, era mais cômodo comprar uma roupa pronta em uma loja. Esses objetos estariam nos lares agora para contribuir com a indústria da moda “pronta para vestir”, o *prêt-à-porter*, com as costureiras trabalhando como terceirizadas para alguma fábrica.

A mulher na indústria da confecção no século XXI: terceirização, precarização, vulnerabilidade

Como apontado por Araújo (2016), a partir da década de 1990, no Brasil, há um movimento de deslocamento da costura das fábricas para os lares em resposta à crise vivenciada no período, com empresas de pequeno e médio porte iniciando um processo de reestruturação de caráter defensivo, baseado fundamentalmente na terceirização e no uso do trabalho a domicílio, revitalizado como estratégia central de competitividade, aumentando a produtividade com baixos custos.

As atividades passam a recair sobre oficinas subcontratadas, nas quais a propriedade, o gerenciamento e o trabalho estão quase em 100% dos casos nas mãos de mulheres e das trabalhadoras em domicílio, submetidas às condições de preços e aos prazos dos elos superiores da cadeia.

As máquinas de costura retornam aos lares, agora não mais na versão máquina doméstica, mas como máquinas industriais com a finalidade de aumentarem a produção.

Sobre a terceirização da costura na indústria da confecção, segundo pesquisa apresentada por Neves e Pedrosa (2007), em 1999, havia, no setor de têxtil e vestuário, 29,6% de homens sem carteira assinada contra 70,4% de mulheres na mesma condição, sendo 30,8% dos homens trabalhando por conta própria contra 69,2% de mulheres no mesmo setor. A autora ainda nos mostra a maior concentração de mão de obra feminina nas empresas de menor porte (até 19 empregados), representando 74,7% do total dos trabalhadores, enquanto nas empresas de maior porte (500 empregados ou mais) elas representam apenas 45,7% do conjunto dos trabalhadores.

Diante desse cenário, as costureiras que trabalham em seus domicílios são submetidas a longas jornadas de um trabalho intenso e ininterrupto, isoladas no espaço doméstico, reféns dos preços mais baixos pagos no setor por peça produzida. Conforme mostrado por Neves e Pedrosa (2007) em pesquisa realizada na cidade de Divinópolis, em Minas Gerais, de um lado, encontramos o empregador que busca flexibilidade, redução de custos e transferência de riscos, em um contexto de elevada competitividade; de outro, estão as costureiras, mulheres, mães e esposas que acumulam a dupla função: da responsabilidade do cuidado dos afazeres do lar e da contribuição para o seu sustento.

A fragilidade em que se encontram é pouco percebida por elas, que enxergam seu trabalho mais como uma contribuição para as despesas domésticas do que como uma atividade profissional. A desvalorização de seu trabalho se manifesta também pelo fato de só poder ser realizado após cumprirem com suas obrigações domésticas. A autora também observou que estas costureiras apresentam algumas rejeições quanto ao trabalho fabril, especialmente por haver separação entre local de trabalho e de moradia. As costureiras acreditam que nas suas residências há um controle sobre o próprio tempo.

Considerações finais

Desde a invenção da máquina de costura até os tempos atuais, ela está intimamente ligada ao universo feminino enquanto objeto de trabalho, seja nos ambientes domésticos, seja nos industriais. Se até a Revolução Industrial a costura era uma atividade mais restrita aos lares, para uso da família, após este momento, o deslocamento das mulheres para as indústrias marca o início do ofício enquanto atividade remunerada e externa às funções do lar.

Como artefato de desejo das mulheres no ambiente doméstico, a máquina de costura teve presença crescente em toda a primeira metade do século XX, com esforços de anúncios mostrando o quanto era sinal de prestígio para a mulher tê-la em casa. A indústria têxtil também cresceu ao longo do século XX, abrigando um progressivo número de costureiras em suas plantas. A queda nos preços das roupas leva a uma diminuição da importância das máquinas nas residências, pois era possível comprar peças prontas a custos acessíveis.

Já na virada e no início do século XXI, os processos de terceirização de mão de obra chegam à indústria têxtil, sendo possível observar um retorno do ofício da costura às residências, só que com caráter profissional. Com a atividade no âmbito do seu próprio lar, as mulheres poderiam realizar os trabalhos enquanto cuidavam da casa e dos filhos.

O que, a princípio, poderia mostrar-se como sendo um ganho na qualidade de vida, pode em muitos casos seguir mantendo as mulheres em exaustivas jornadas de trabalho. O ofício da costura sempre foi fonte de renda para as mulheres e faz parte da emancipação feminina no mercado de trabalho. Entretanto, ainda hoje é uma atividade vista por muitas delas como acréscimo na renda familiar, pois sua remuneração segue alguém das remunerações para os profissionais do sexo masculino em atividades semelhantes e pouco valorizadas.

Referências

- ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de Campinas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 267-310, mar. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644563>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- BALDINI, Massimo. **A invenção da moda**: as teorias, os estilistas, a história. Lisboa: Edições 70, 2015.
- COOPER, Grace. **The invention of the sewing machine**. Washington: Museum of History and Technology, 2013.
- FORTY, Adrian. **Objetos de desejo**: design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- NEVES, Magda de Almeida; PEDROSA, Célia Maria. Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 11-34, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v22n1/v22n1a02>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- NOVAES, Clarissa Alves de. **Evolução histórica do ofício de costureira e sua configuração em ateliês de costura de Viçosa – MG**. 2016. 103p. Dissertação (Pós-graduação em Economia Doméstica) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016. Disponível em: <http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/9963>. Acesso em: 6 dez. 2017.

TAVARES, Ana Margarida Pereira Lima. **Evolução do design das máquinas de costura Oliva no contexto da sociedade feminina portuguesa entre 1948 e 1972.** 2011. 140p. Dissertação (Mestrado em Design de Equipamento, especialização em Estudos do Design) – Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5007>. Acesso em: 3 dez. 2017.